

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018

ESTUDOS HUMANÍSTICOS & RECEPÇÃO DOS CLÁSSICOS



A ESTRUTURA ECONÔMICA EM “O ROMANCE DE TRISTÃO E ISOLDA”

Mouzzart Guimarães de Melo [UEA]

Arcangelo da Silva Ferreira [UEA]

Resumo: *O presente trabalho propõe uma análise da estrutura econômica da sociedade medieval tendo como fonte a obra literária “O Romance de Tristão e Isolda” de Joseph Bédier. A análise se apoia em autores que tem a história econômica, economia política e a geografia política como campos de atuação. A literatura aqui nos é uma importante ferramenta para a compreensão desse período importante da história da humanidade, que estava em transição para o sistema político econômico atual.*

Palavras-chave: literatura medieval; estrutura econômica; história econômica.

O presente artigo pretende fazer uma análise da estrutura econômica da sociedade medieval presente na obra “O Romance de Tristão e Isolda”, de Joseph Bédier, da edição de 2006, lançada pela editora Martins Fontes, de São Paulo e que teve tradução de Luis Claudio de Castro e revisão de tradução de Mônica Stabel. A análise da estrutura econômica na obra de Bédier, tem como base teórica fundamental o texto do historiador Hilário Franco Júnior, do capítulo chamado “As estruturas Econômicas” que faz parte de seu livro “A Idade Média, o nascimento do Ocidente”, da 5º

edição lançada também em 2006 pela editora Brasiliense, de São Paulo.

Temos como proposta de dinâmica neste trabalho, realizar a análise na medida em que vamos desenvolvendo a leitura do romance que reproduzimos aqui em partes, em especial aquelas que nos remetem às estruturas, de maneira explícita ou não tão evidente, que nos dispusemos a analisar. Utilizamos também, como referenciais teóricos complementares, passagens de textos de Huberman (1986), dialogando com outros autores que, apesar de não serem historiadores tem, na economia política, seu campo de atuação, como Netto; Braz (2006) e Harvey (2005) visto que ambos, em suas respectivas obras, remetem à reprodução material da vida da Idade Média e às origens do sistema econômico, político, cultural e social que hoje se faz dominante.

Como apoio para análise, utilizamos Franco Júnior (2006), que faz um apanhado geral da dinâmica da economia entre os séculos X até o fim do século XV e início do XVI. Ele enfatiza três períodos da economia medieval: o primeiro iniciado no século X, em que ocorria uma retração e estagnação econômica; seguido de um crescimento e ápice da economia a partir do século XI até XIII; e por fim sua falência estrutural a partir do século XV, com uma crise sistêmica que levaria ao desenvolvimento do capitalismo.

PEQUENA INTRODUÇÃO DO ENREDO

A história do romance gira em torno do amor do cavaleiro Tristão, originário da Cornualha e a princesa irlandesa Isolde. Tristão se torna órfão quando seu pai, o rei Rivalen de Loonois, é traiçoeiramente assassinado pelo duque Morgan quando estes estavam em plena batalha em uma guerra. Sua mãe, a rainha Blanchefleur, irmã do Rei Marc da Cornualha, morre de desgosto ao saber do fim de seu amado. Depois de sete anos, Tristão fica aos cuidados de um sábio escudeiro de Rohat, Govenal, sendo que esse acompanhará Tristão daí pela frente. Ele educa Tristão em diversas artes, conhecimentos, até mesmo de luta. Com o passar do tempo Tristão encontra seu tio Marc na Cornualha. Não o reconhecendo de cara, Marc teve apreço pelo garoto que se mostrava muito sábio e habilidoso em diversas atividades. Ao descobrir que se tratava de seu sobrinho, filho de sua irmã morta, o

trouxe para morar junto dos seus, inclusive dormindo perto de seu aposento, prática comum aos que eram mais próximos e íntimos dos reis.

Isolda é levada da Irlanda por Tristão para a Cornualha, depois que esse mata o dragão que aterrorizava sua cidade. Leva-a como recompensa por livrar os habitantes da Irlanda daquele terrível mal, mas a levou pra que fosse esposa de seu tio, o Rei Marc. No meio da viagem de volta à Cornualha, em momento de descuido de Brangien, Isolda e Tristão bebem uma poção mágica que a mãe da princesa havia entregado para a serva que a acompanhara, e acabam se apaixonando perdidamente. Essa era a poção que deveria ser entregue ao casal real da Cornualha no dia da noite de núpcias, o que faria com que o rei Marc e a Rainha Isolda se apaixonassem e se amassem para todo o sempre. Logo assim se inicia o romance perigoso entre os jovens Tristão e Isolda.

ESTRUTURA ECONÔMICA

De acordo com Franco Júnior (2006) a economia da Idade Média teve momentos importantes. Um primeiro momento de estagnação, seguido de um crescimento muito expressivo e por fim uma crise que levara ao fim do período na história. Percebemos com isso, que dentro do romance de Bédier, características dessas três fases econômicas da Idade Média se fazem presentes, porém daremos ênfase as que estão mais próximas do primeiro momento. O que faremos a seguir será uma análise tendo como fonte fecunda trechos que nos remetem à estrutura econômica daquele momento da história. É inevitável que cheguemos a apontar para outras estruturas que, de uma maneira ou outra, estão ligadas à economia, como as mentalidades e a política.

Partindo de uma questão elementar, Huberman (1986) afirma que quando assistimos a um filme antigo, o que vemos são pessoas que andam de carro, sem pagar o motorista, e essa situação mostrada nas telas, se assemelha ao período da Idade Média, quando também assim é retratado. Então, assim como a corrida de taxi deve ser paga, “*alguém nos séculos X a XII, tinha que pagar pelas diversões e coisas boas que os cavaleiros e damas desfrutavam*” (HUBERMAN, 1986; p.02). O que o autor defende é: alguém produz, alguém fabrica, alguém planta, alguém colhe, alguém tira da terra e dá aos senhores

ricos da sociedade as coisas que eles tanto precisam para reproduzirem seu modo de vida. De maneira bem humorada, ele afirma que os livros da Idade Média:

[...] por páginas e páginas, falavam de cavaleiros e damas, engalanados em suas armaduras brilhantes e vestidos alegres, em torneios e jogos. Sempre viviam em castelos esplendidos, com fartura de comida e bebida. Poucos indícios há de que alguém devia produzir todas essas coisas, que armaduras não crescem em árvores, e que os alimentos, que realmente crescem, tem que ser plantados e cuidados (HUBERMAN, 1986, p.02).

Logo, por todo o romance percebemos que não se fala diretamente, de maneira mais detalhada e/ou mais explícita, daqueles que alimentam o reino. De como o fazem, sua dinâmica de trabalho, por exemplo. Mas o romance não nos deixa escapar os cenários que remetem aos campos onde se produz os alimentos, os bosques que eram de uso comum e as aldeias onde moravam os súditos que trabalhavam para a corte. Os produtores servos do rei estão, obviamente, em segundo plano na obra.

Partindo dessa afirmação de Huberman (1986), deixamos claro qual é o elemento principal de toda e qualquer economia e o que a sociedade necessita para se reproduzir é o trabalho. Portanto, o trabalho é à base de toda sociedade. Segundo Netto; Braz (2006) é o trabalho que torna possível a produção de qualquer bem, criando valores que constituem a riqueza social. Apesar dessa relação não aparecer claramente no romance de Tristão e Isolda, é – acreditamos não estar generalizando – o trabalho que está como pano de fundo na trama é o que torna possível o movimento dentro do contexto sócio, político e cultural dos locais onde se passa o enredo da obra.

Temos como exemplo, o trecho interessante da vida de Tristão, importante para o restante da trama, que nos aponta como a transformação da natureza é fundamental para nossa sobrevivência. Os ensinamentos de Governal ao, até então jovem Tristão, vejamos as técnicas que o jovem aprendeu com seu mestre e, diga-se de passagem, com bastante competência. A arte de manejar lanças, espadas, escudos e arcos. Esses instrumentos

são frutos de trabalho de algum artesão dos aldeamentos próximos. E dentro da dinâmica da economia de pequena escala dentro da região, alguém comprou e vendeu essas mercadorias ao mestre de Tristão, no caso em questão um mercador. Era então essa dinâmica, um movimento dentro do setor terciário que, segundo Franco Júnior (2006) no período de estagnação e retração da economia entre os séculos IV a X limitava-se apenas ao comércio.

Ao percorrermos a obra, observamos a figura que representava o comerciante de armas dentro do reino da Cornualha. Em um pequeno trecho que, para aquele leitor menos atento, poderia passar despercebido. Certo momento em que Tristão, após ter devolvido Isolda para o rei Marc, volta depois de algum tempo para reencontrar sua amada enquanto o rei viajava. Os encontros se tornaram diários ao ponto de um servo ver o casal e acusá-los à três barões traidores. Então, no momento de fúria de Tristão ao descobrir a emboscada dos Barões, assassina um deles. Já estando ao encontro de Isolda, mostra-lhe o que tem nas mãos e diz: *“Vês estas belas tranças? São as de Denoalen. Vingui-me dele. Nunca mais venderá e nem comprará escudo nem lança!”* (BÉDIER, 2006, p.97). Vimos então, com essa última frase desse pequeno fragmento do texto, quem era o principal mercador de armas da Cornualha, e não por acaso um barão, visto que muitos comerciantes ricos que não nasciam da linhagem real, compravam seus títulos para se tornarem importantes figuras públicas dentro do reino. E é claro que isso ajudava no desenvolvimento do seu próprio negócio.

Uma das primeiras grandes façanhas e demonstração de força e coragem de Tristão tem como um dos fatores responsáveis, elementos que estão ligados a estrutura econômica do período. Franco Júnior (2006) destaca a importância da terra para a produção da riqueza.

Logo, esse era um dos motivos de haver muitas guerras e batalhas por conquistas naquele período. As terras, chamadas de domínio *“geralmente bastante extenso (...) não era caracterizado por seu tamanho, mas variável no tempo e no espaço, mas por sua estrutura de funcionamento”* (FRANCO JÚNIOR, 2006. p.33). Aponto para, além disso, a estrutura política de dominação e de mentalidades.

Aparentemente percebemos, à primeira vista, o motivo da tentativa de ataque do rei da Irlanda ao reino do Marc, como motivação econômica, no caso em questão, seria a cobrança de impostos que a corte não pagava há mais de quinze anos. O discurso do rei da Irlanda era de que se fazia necessário pagar esse tributo, pois seus antepassados pagavam. Pode-se dizer que o rei usa da mentalidade de um povo, de uma suposta tradição, para poder lucrar com um reino alheio. Se caso conseguisse concluir com êxito seus planos, o rei da Irlanda conseguiria lucrar com as terras de Marc com um percentual acrescido por ano, e ainda, no quarto ano de cobranças monetárias que estariam em ascensão o reino das Cornualha, deveriam mandar para o país cobrador *“trezentos moços e trezentas moças, com idade entre quinze anos, sorteado entre as famílias das Cornualha”* (BÉDIER, 2006. p.09).

O que podemos deduzir dessa ação do rei da Irlanda, é que seu reino passava por uma crise, tanto monetária com a exigência do pagamento que aumentaria a cada ano, quanto a crise demográfica, pois exigia essa quantidade de jovens para seu reino. Jovens esses que se tornariam sua força de trabalho e as moças procriariam e dariam luz a mais servos que potencialmente seriam mão-de-obra.

Tristão em seu primeiro ato de bravura frente aos Barões, que estavam morrendo de medo, enfrentou o grande temível, e até então imbatível, Morholt aquele que o rei da Irlanda enviou para confrontar qualquer um da Cornualha que quisesse defender seu reino para pôr fim aos assédios externos. Tristão liberta a economia da Cornualha matando o enviado do rei da Irlanda em combate. Diga-se de passagem, o romance é cheio de ironias de destino, pois Isolda, sobrinha de Morholt, que é morto em combate por Tristão, o salva da morte o algoz de seu tio, por duas vezes.

Como podemos ressaltar, existem muitas possibilidades de se usar uma literatura como uma fonte fecunda. Mesmo que dentro da obra a questão estrutural que se procura analisar, no nosso caso a econômica, esteja em segundo, terceiro ou quarto planos. Existe a possibilidade de pesquisá-la, mesmo em meio às entrelinhas. Franco Júnior (2006) aponta no início da obra, sobre as estruturas econômicas, a dificuldade dessa pesquisa sobre a Idade Média, com as limitações das fontes econômicas do

período, visto que as documentações eram fragmentadas, sem dados numéricos suficientes e confiáveis. Mas isso, ainda segundo ele, se tornou um fator positivo, pois a pesquisa se tornou em caráter mais qualitativo, devido ao *“fato que traduzia o espírito da época, mais preso a imagens, palavras e gestos do que em números”* (FRANCO JUNIOR, 2006, p.32). Foi com essa argumentação que tentamos produzir esse pequeno artigo tendo a fonte o Romance de Tristão e Isolda e sendo norteador na análise de Hilário Franco Júnior. E ainda usando a economia política para um diferencial de análise do ponto de vista qualitativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- J. Bédier (2006). **O Romance de Tristão e Isolda**. São Paulo: Martins Fontes.
- H. Franco Júnior (2006). “As estruturas econômicas”. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense.
- D. Harvey (2005). **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume.
- L. Huberman (1986). **História da Riqueza dos Homens**. Rio de Janeiro: Editora Quanaabara.
- J. P.Netto; M. Braz (2006). **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez Editora.



ENTRE DISCURSO ORATÓRIO E MÚSICA: A INFLUÊNCIA DA PROSA RÍTMICA NA ESTRUTURA DO CANTO GREGORIANO

Ana Carolina dos Santos Castro [UEA]

Orientador: Carlos Renato Rosário de Jesus [UEA]

Resumo: *Ao comparar a constituição rítmica do discurso oratório e o sistema melódico do canto gregoriano é possível notar semelhanças de formulação rítmica em ambas estruturas. Este estudo comparativo justifica sua relevância na medida em que se encontram indagações referentes à busca de uma explicação mais detalhada acerca da elaboração rítmica do*